

O ESTUDO DA CLASSE DOS ADVÉRBIOS SOB OS ASPECTOS MÓRFICOS, SINTÁTICOS E SEMÂNTICOS

THE STUDY OF THE CLASS OF ADVERBS FROM A MORPHIC, SYNTACTIC AND SEMANTIC PERSPECTIVE

Aldeci Gomes Quaresma¹

Silvia Maria Rodrigues da Silva Marinho²

Antonia Angela de Lima³

Cristiano De Assis Silva⁴

RESUMO

Considerando a importância do estudo e compreensão da classe gramatical dos advérbios sob os aspectos mórficos, sintáticos e semânticos, o presente trabalho tem o objetivo de compreender a classe gramatical dos advérbios sob os aspectos mórficos, sintáticos e semânticos, considerando os conhecimentos prévios do acadêmico em relação a classe gramatical dos advérbios e a posição que ocupa na frase ou oração, para que ocorra a comunicação. Este trabalho parte da temática do estudo da classe dos advérbios sob os aspectos mórficos, sintáticos e semânticos, estudando e analisando as gramáticas existentes com o intuito de entender melhor a classe dos advérbios. Por se tratar de um processo bastante relevante para a análise mórfica, sintática e semântica. Para realizarmos esse estudo, nos respaldamos nos aportes teóricos as gramáticas normativas de Azeredo (2011), Bechara (2009), Cunha e Cintra (2008), como também os manuais linguistas de Perini (2010), Castilho (2010), Neves (2011). Além dos livros didáticos de Alves, Brugnerotto (2004), Cereja, Magalhães (2016), Amaral, Ferreira, Leite e Antônio (2017). E como base teórica Macambira, (1973) e Camara Junior (2007). Das gramáticas analisadas nem todas trazem os três aspectos, nos manuais lingüísticos analisados ocorre o mesmo, e com os livros didáticos não é diferente sendo ainda mais incompletos. O professor depende de uma diversidade de estudos antes ministrar suas aulas sobre os assuntos que pretende explicar, principalmente sobre os advérbios. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativa, que busca fazer um estudo da classe gramatical dos advérbios sob os aspectos mórficos, sintáticos e semânticos, dependendo da função que desempenha na frase ou oração analisada.

PALAVRAS-CHAVE: Advérbios. Mórfico. Sintático. Semântico.

ABSTRACT

Considering the importance of studying and understanding the grammatical class of adverbs under the morphic, syntactic and semantic aspects, the present work aims to understand the grammatical class of adverbs under the morphic, syntactic and semantic aspects, considering the academic's previous knowledge in relation to the grammatical class of adverbs and the position they occupy in the sentence or clause, so that communication occurs. This work starts from the theme of the study of the class of adverbs under the morphic, syntactic and semantic aspects, studying and analyzing the existing grammars in order to better understand the class of adverbs. Because it is a very relevant process for morphic, syntactic and semantic analysis. To carry out this study, we rely on the theoretical contributions of the normative grammars of Azeredo (2011), Bechara (2009), Cunha and Cintra (2008), as well as the linguist manuals of Perini (2010), Castilho (2010), Neves (2011). In addition to textbooks by Alves, Brugnerotto (2004), Cereja, Magalhães (2016), Amaral, Ferreira, Leite and Antônio (2017). And as a theoretical basis Macambira, (1973) and Camara Junior (2007). Of the grammars analyzed, not all of them bring the three aspects, in the linguistic manuals analyzed, the same occurs, and with the textbooks it is no different, being even more incomplete. The teacher depends on a diversity of studies before teaching his classes on the subjects he intends to explain, especially on adverbs. As for the methodology, it is a qualitative bibliographic research, which seeks to study the grammatical class of adverbs under the morphic, syntactic and semantic aspects, depending on the function it plays in the sentence or sentence analyzed.

KEYWORDS: Adverbs. morphic. Syntactic. Semantic.

¹ Graduada em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, Campus Cajazeiras. Graduada em Pedagogia pela Faculdade da Paraíba-FASP. Pós-graduada em Psicopedagogia, Gestão e Planejamento pela Faculdade São Francisco da Paraíba-FASP. Mestranda em Ciências da Educação pela ACU – Absoloute Christian University. E-MAIL: aldeci8@gmail.com.

CURRÍCULO LATTES: lattes.cnpq.br/0117125860331251

² Mestranda em Ciências da Educação pela ACU - Absoloute Christian University. Especialização em Formação Sócio Econômica do Brasil pela Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO. Graduação em Geografia. Universidade Regional do Cariri, URCA. E-MAIL: silviamarinho2394@gmail.com. **CURRÍCULO LATTES:** lattes.cnpq.br/9853495890699071

³ Doutorado em Ciências da Educação, Mestre em Ciências da Educação pela ACU – Absoloute Christian University. Especialização em Prática Docente do Ensino Superior pela Faculdades Integradas de Patos, FIP. Graduação em Pedagogia pela Faculdade Educacional da Lapa, FAEL. E-MAIL: xaviercremona@outlook.com. **CURRÍCULO LATTES:** lattes.cnpq.br/3983799201246380

⁴ Pós-Doutor em Ciências da Educação; Doutor em Ciências da Saúde Coletiva e Mestre em Ciências da Educação pela ACU - Absoloute Christian University, Especialista em Oratória da Transversalidade da Fala para Formação de Professores pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. E-MAIL: cristiano.wc32@gmail.com. **CURRÍCULO LATTES:** lattes.cnpq.br/7723981451094769

INTRODUÇÃO

A gramática, seja ela normativa ou linguística, e em qualquer nação, tem como uma das missões agrupar, em forma de classes, as palavras que compõem a língua escrita ou oral de um povo. Sendo assim, torna-se pertinente a todo falante, de um ou mais idiomas, realizar pesquisas, nas quais se pode unir vários pontos de vista, e assim, desenvolver a sua conclusão.

Segundo Gurpilhares (2004), a origem da gramática tradicional vem da Grécia, por volta do século V a.C, como um ramo da filosofia, que se desenvolveu pelos trabalhos especulativos da idade média, como também pelo estudo dos gramáticos subsequentes.

O estudo da língua na Grécia antiga tem três períodos principais: início com os filósofos pré-socráticos, os primeiros retóricos, Sócrates, Platão e Aristóteles, esses pregavam a língua como não sendo uma preocupação independente; segundo período, os estoicos, e em terceiro os alexandrinos. Cabe também destacar a disputa entre os naturalistas e os convencionalistas.

Os naturalistas acreditavam ser “natural” a relação entre o significado da palavra e sua forma, já os convencionalistas acreditavam ser “convencional” a relação entre o significado da palavra e sua forma. Embate este que se prolongou por séculos. A língua quando considerada regular é marcada de “analogia”, e é desta que surge o paradigma. E a língua quando irregular é intitulada de “anomalia”.

Platão distingue substantivo e verbo, ao mesmo tempo em que os considera base da sintaxe. Segundo ele, substantivos são os sujeitos de um predicado e o verbo, expressão, ação ou afirmam a qualidade.

Enquanto Aristóteles considera que as categorias de pensamento dão origem às partes do discurso, e estas passam a ser categorias gramaticais e por fim, classes de palavras. O que equivale à substância/substantivo, ação/verbo, relação/conjunção.

Segundo os estoicos, os estudos linguísticos eram partes da filosofia. Caracterizando o homem como uma tábula rasa, que a partir do momento de seu nascimento passa a ser escrita, por suas experiências sensoriais e intelectuais. A língua é descrita como expressão tanto dos sentimentos como dos pensamentos, e o veículo de expressão seria a voz.

Na conceituação das classes de palavras, os gregos utilizaram de uma mistura de critérios; semântico, sintático e morfológicos.

Os alexandrinos preocupam-se com uma língua de uma forma literária até mesmo o estudo linguístico deixando de lado a forma filosófica ou lógica. Seu objetivo era a elucidação da língua dos textos literários arcaicos, preocupação com “uso correto” da língua e proteção do grego clássico de corrupção.

Dionísio da Trácia, definiu substantivo como: “a palavra com que designamos os seres”; o adjetivo, como o que especifica o substantivo; o verbo, como palavra que expressam ações, estados ou fenômenos; o advérbio permite especificação da ação, do estado ou fenômeno descrito pelo verbo.

No critério morfológico, substantivo como palavra que apresenta as categorias de gênero e número.

Segundo Brito (2010), no livro Colóquio Gramática: história, teorias, aplicações, no primeiro capítulo Da “Arte” à ciência, durante séculos as gramáticas foram normativas. Ora mais abertas às línguas vernáculas e mais prescritivas.

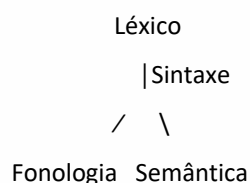
Para Dionísio da Trácia, século II da era cristã, a gramática possuía partes, leitura, atual estilística, fraseologias, etimologia e sintáticas, como também, a investigação das singularidades morfológicas, sintática e composição literária. pedagógico e normativo.

As gramáticas passam a ser descritivas e sincrônicas a partir da sequência do Estruturalismo Europeu e o Distribucionalismo Norte Americano.

Nos anos 60 com Noam Chomsky, a gramática torna-se Gerativa e adquire novo significado duplo: sinônimo de conhecimentos linguístico dos sujeitos

falantes, e de descrição desse conhecimento por parte dos linguísticos, cognitiva.

Noam Chomsky e Lasnik trazem à tona, em 1977, o modelo abaixo:



Mas, passível de discussão. Em primeiro lugar, a centralidade da sintaxe não pode implicar a sua autonomia. Pois, a sintaxe é possibilidade dependente do significado dos itens lexicais, há interfaces entre a sintaxe e a semântica. A sintaxe é concebida por muitas teorias como o componente que estuda não só as condições formais da significação.

Em segundo lugar, a relação entre léxico com a sintaxe ocorre de vários modos.

Saussure dividiu as línguas em: “lexicológicas – analíticas” e “gramáticas – sintéticas”. Já em textos recentes de Marantz, Alexidor, ou Rachand (apud Brito, 2010), questiona-se a própria existência do léxico, e colocam a formação de palavras na sintaxe.

Visão radical e com problemas: há diversas idiossincrasias lexicais, dificilmente captadas pela sintaxe; o léxico tem de ocupar um espaço de organização da gramática; a língua é usada para comunicar, para pensar, para argumentar. Objetivos comuns às línguas naturais, mas a investigação linguística realizada permite mostrar que a comunicação e o uso não conseguem explicar a forma das línguas humanas. Sendo assim, a “divisão de trabalho” continua como problema teórico.

Tanya Reinhart, entre outros linguistas explorou este problema e propõe estratégias de interface que associam a gramática um sistema computacional, ao uso e aos sistemas cognitivos: concepções sistemas sensório – motores.

A autora defende o estudo da língua materna de forma abrangente, desde os sons ao das palavras, das palavras às frases, e das frases aos textos, envolvendo os

diferentes níveis da análise linguística, como contribuição para o desenvolvimento do raciocínio abstrato, avançando do nível das diferentes competências (ouvir, falar, ler, escrever). Favorecendo uma atitude descritiva e tolerante perante a variação e ajuda na aquisição de uma metalinguagem útil na aprendizagem de línguas estrangeiras.

Trabalho elaborado utilizando-se da fonte de dois textos base. As bases filosóficas da gramática normativa: uma abordagem história da autora Marlene Silva Sardinha Gurpilhares (2004), e com o estudo do primeiro capítulo do livro Gramática: História, Teorias, aplicações da editora Porto (2010), que teve na sua organização a autora Ana Maria Brito, o primeiro capítulo deste livro é de sua autoria e intitula-se Da “arte” à ciência: o caminho da gramática.

Diante do que foi apresentado, o estudo das classes gramaticais tem um percurso infinito, pois a cada momento histórico surgem novas visões críticas. Com isso, trabalhei o advérbio de forma reflexiva, levando em conta as análises mórfica, sintática e semântico.

O objetivo é conceituar a classe de palavras advérbio sob os aspectos mórfico, sintático e semântico, visando uma abordagem mais ampla dessa classe. Para isso utilizei Gramáticas normativas, manuais linguísticos e livros didáticos, e então, a partir deles verificar como esses aspectos aparecem.

Foram utilizados como referências as gramáticas normativas de Azeredo (2011), Bechara (2009), Cunha e Cintra (2008), como também os manuais linguistas de Perini (2010), Castilho (2010), Neves (2011). Além dos livros didáticos de Alves, Brugnerotto (2004), Cereja, Magalhães (2016), Amaral, Ferreira, Leite e Antônio (2017). E como base teórica Macambira, (1973) e Camara Junior (2007).

A parti de então, exponho as definições de advérbio de cada obra, no intuito de compara-los, e assim, propor a melhor forma de o professor lidar com o livro didático em sala de aula. Para dar início, apresento as gramáticas normativas de Azeredo (2011), Bechara

(2009), Cunha e Cintra (2008). Com isso, destaco a visão de cada autor, e assim, distinguir as diferentes concepções de advérbio.

Azeredo (2011), em sua gramática normativa mostra a heterogeneidade do advérbio.

Segundo Azeredo (2011), “o advérbio é a mais heterogênea das classes de palavras. Suas características típicas, além da invariabilidade formal, são a função modificadora e a mobilidade posicional em relação ao termo que ele modifica. Existem várias subclasses semânticas e sintáticas de advérbio. A maioria deles, porém, referência nos nossos discursos”.

Para Bechara (2009), em sua gramática diz que o advérbio expressa função modificadora, além de assumir outra função na oração. Como também, apresenta sua constituição.

Bechara (2009), “é uma expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial”.

O advérbio é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário (como intensificador), ou a uma declaração inteira.

Já Cunha e Cintra (2008), em sua gramática, diz de forma resumida diz que o advérbio modifica o verbo.

Cunha e Cintra (2008), definem advérbio como, sendo “fundamentalmente, um modificador do verbo.”.

Dando continuidade, destaco as diferentes posições dos autores de três manuais linguísticos, Perini (2010), Castilho (2010) e Neves (2011).

Perini (2010), em seu manual linguístico diz que o advérbio é invariável, não conectivo, assumindo o papel do sintagma com pressa.

Perini (2010), definiu advérbio como, “membro de uma classe muito generalizada que se define apenas como ‘palavra invariável (em gênero, número, pessoa etc.) que não é um conectivo’. E os advérbios em geral têm potencial funcional paralelo e sintagmas maiores; e

assim, apressadamente ocupa os mesmos papéis temáticos que o sintagma com pressa”.

Castilho (2010), em sua gramática, define advérbio como palavras predicativas; operantes de transferência; atuantes como adjuntos; arcadores sintáticos; relacionadas ao verbo; relacionadas ao adjetivo ou a outro advérbio.

Castilho (2010), definiu advérbio: “do ponto de vista semântico, os advérbios são palavras predicativas, vale dizer, operadores que transferem para seu escopo propriedades semânticas de que elas não dispunham.

Funções semânticas dos advérbios mostra que eles podem atuar como quase argumentos; atuar como adjuntos; atuar como marcadores sintáticos de argumentos e adjuntos.

Sintaticamente, os advérbios são palavras relacionadas ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio, classes que ele toma por escopo. A tradição gramatical localiza aqui uma das diferenças entre advérbio e adjetivo, visto que estes se relacionam com os substantivos. O exame das fontes mostra que os advérbios podem igualmente aplicar-se aos substantivos, em expressões metafóricas.

Do ponto de vista morfológico, os advérbios invariáveis, conquanto a precária fronteira entre eles e os adjetivos criem certa trepidação nessa propriedade.

Do ponto de vista semântico, os advérbios são palavras predicativas, vale dizer, propriedades semânticas de que elas não dispunham”.

Em Neves (2011), diz que o advérbio é invariável, porém ocorrem casos de flexibilidade em gênero e número. Algo que é considerado errado pela gramática normativa. E na visão sintática é considerada é uma palavra periférica.

Para Neves (2011), o advérbio é “de um ponto de vista morfológico, uma palavra invariável. Encontram-se, entretanto, casos restritos de advérbio flexionado em gênero e número. Esses usos, que se referem a quantificadores, pertencem a um registro mais distenso e são considerados erros pela gramática normativa. De

um ponto de vista sintático, ou relacional, o adjetivo é uma palavra periférica, isto é, ele funciona como satélite de um núcleo”.

Dando continuidade, destaco as definições de advérbio de três livros didáticos.

Sobre os livros didáticos, fiz um apanhado sobre definições de advérbio em três obras. Onde de forma superficial, o advérbio é ofertado ao professor de Língua Portuguesa.

Alves e Brugnerotto (2014), advérbios são “palavras que modificam especialmente o verbo e indicam circunstâncias de tempo, modo, lugar, companhia, entre outros. O advérbio é invariável, isto é, não varia nem em gênero nem em número”.

Cereja e Magalhães (2016), advérbio “é a palavra que indica as circunstâncias em que se dá a ação verbal”.

E por fim Amaral, Ferreira, Leite e Antônio (2017), “Advérbio é a palavra invariável que se relaciona ao verbo para indicar diferentes circunstâncias (de tempo, de modo, de intensidade, de lugar etc.) relativos ao fato verbal”.

Além de buscarmos, em grandes nomes como Macambira (1973) e Câmara Junior (2007), suas definições de advérbio.

Para Macambira:

é a palavra invariável que modifica o verbo, o adjetivo e o próprio advérbio’. Pertence à classe do advérbio toda forma invariável e livre que funcione como terceiro elemento dentro da seguinte forma, composta de pronome subjetivo e verbo intransitivo. Pertence à classe do advérbio toda palavra que exprime qualidade ou circunstância. (1973. Pág.43)

A conclusão é que o advérbio é indefinível sob o aspecto semântico, pois o fenômeno gramatical só pode ser definido em termos linguísticos. É preciso pois acrescentar outras cousas – o elemento mórfico e o elemento sintático, donde a definição tradicional geralmente adotada. (1973. Pág.43)

O referido autor ainda continua:

‘Advérbio é a palavra invariável que modifica o verbo, o adjetivo e o próprio advérbio’. Acontece que o advérbio, embora excepcionalmente, pode modificar o próprio substantivo”. (1973. Pág.44)

Para Camara Junior (2007) advérbio “trata-se de um nome, ou pronome, que serve de determinante a um verbo”.

AS GRAMÁTICAS NORMATIVAS

Analisando as gramáticas normativas, percebi que nem todas trazem as três visões do advérbio, sintático, semântico e mórfico.

A gramática normativa de Bechara (2009), traz as três visões já delimitadas neste artigo, a sintática, semântica e a mórfica. O que significa que é completa.

Sintática: desempenha na oração a função de adjunto adverbial. Se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira.

Semântica: é uma expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.)

Mórfica: O advérbio é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal.

Já gramática normativa de Cunha e Cintra (2008), traz só uma das visões do advérbio, a sintática. Sendo assim, necessita de complemento se utilizada por professores e pesquisadores em geral.

Sintático: O advérbio é, fundamentalmente, um modificador do verbo.

E, por fim, a gramática de Azeredo (2011), traz as três visões. Sintático, semântico e mórfico.

Semântico: o advérbio é a mais heterogênea das classes de palavras.

Sintático: a função de modificadora e a mobilidade posicional em relação ao tempo que ele modifica.

Mórfico: invariabilidade formal.

MANUAIS LINGÜÍSTICOS:

Nas gramáticas dos linguistas a situação muda, entre os autores aqui analisados somente um não traz a visão mórfica. Fato que deixa claro que essas gramáticas dão maiores possibilidades de resultados.

O linguista Perini (2010), traz duas visões: sintática e semântica.

Sintática: E os advérbios em geral têm potencial funcional paralelo e sintagmas maiores; assim, apressadamente ocupa as mesmas funções e têm os mesmos papéis temáticos que o sintagma com pressa.

Semântica: Um adverbial é membro de uma classe muito generalizada que se define apenas como “palavra invariável (em gênero, número, pessoa, etc) que não é um conectivo”.

Já a gramática do linguista de Castilho (2010), traz as três visões, sintática, semântica e mórfica.

Sintática: funções sintáticas mostra que eles podem atuar como quase argumentos e adjuntos.

Sintaticamente, o advérbio são palavras relacionadas ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio, classes que ele toma por escopo. O exame dos fatos mostra que os advérbios podem igualmente aplica-se aos substantivos, expressões metafóricas.

Semântica: os advérbios são palavras predicativas, vale dizer operadores que transferem para seu escopo propriedades semânticas de que eles não dispunham.

Mórfico: do ponto de vista morfológico, os advérbios invariáveis, conquanto a precária fronteira entre eles e os adjetivos criem trepidação nessa propriedade.

E, por fim, temos o linguista Neves (2011), traz as três visões.

Sintática: De um ponto de vista sintático, ou relacional, o advérbio é uma palavra periférica, isto é, ele funciona como satélite de um núcleo.

Semântica: encontra-se, entre tantos casos restritos de advérbio flexionado em gênero e número. Esses usos, que se referem a quantificadores, pertencem a um registro mais distenso e são considerados erros pela gramática normativa.

Mórfico: Do ponto de vista morfológico, uma palavra invariável.

LIVROS DIDÁTICOS

Agora, partimos para a análise dos livros didáticos. Livros com definições bem simples e facilitar o entendimento do aluno.

O exemplar de Alves e Brugnerotto (2014), trazem as três visões.

Sintático: Palavras que modificam especialmente o verbo.

Semântica: indicam circunstâncias de tempo, modo, lugar, companhia, entre outros.

Mórfico: o advérbio é invariável, isto é, não varia nem em gênero nem em número.

Já o livro didático de Cereja e Magalhães (2016), trazem apenas duas das três visões, semântica e sintática.

Semântica: é a palavra que indica as circunstâncias.

Sintático: Circunstâncias em que se dá a ação verbal.

Por último, Amaral, Ferreira, Leite e Antônio (2017), trazem apenas duas visões.

Semântica: Advérbio é a palavra invariável.

Sintático: que se relaciona ao verbo para indicar diferentes circunstâncias (de tempo, de modo, de intensidade, de lugar, etc.) relacionados ao fato verbal.

Diante dos destaques e das análises feitas até o momento neste artigo, e fazendo um apanhado geral das gramáticas e dos livros didáticos. Conclui-se que os autores dos livros didáticos procurando facilitar para o aluno, acabam exigindo dos professores muita leitura e didática. O que reforça a gramática sempre a mão do professor, seja ela normativa ou linguista.

E para reforçar esta conclusão na qual chego, ainda tivemos os destaques dos livros de Macambira (1973) e Camara Junior (2007). Atuantes na área da linguística.

Obra de Macambira

A obra de Macambira, é tida como completa, destacando todas as visões tanto sintática, como semântica e a mórfica, com relação ao advérbio.

Sintático: modifica o verbo, o adjetivo e o próprio advérbio. Funciona como terceiro elemento dentro da seguinte forma, composta de pronome subjetivo e verbo intransitivo.

Pertence à classe do advérbio toda palavra que exprime qualidade ou circunstância.

Modifica o adjetivo, o pronome, o numeral e o próprio substantivo.

Semântico: é o fenômeno gramatical que só pode ser definido em termos linguísticos.

Mórfico: é a palavra invariável.

Mattoso câmara Junior

Já Mattoso, traz apenas a função, a visão sintática.

Sintático: é um nome, ou pronome, que serve de determinante a um verbo.

São dois grandes autores que merecem destaque.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho foi apresentar desde o início dos estudos da gramática tradicional até a especificação da classe gramatical advérbio nos dias de hoje. Na introdução deste artigo destacamos que a gramática tradicional surge na Grécia Antiga, já como ramo da filosofia. Passa por três períodos principais que foram: os filósofos pré-socráticos, no qual a língua não era uma preocupação independente, estoicos e alexandrinos. Além das disputas entre naturalistas que acreditavam ser natural a relação entre o significado da palavra e sua forma, e os convencionalistas que acreditavam ser convencional a relação entre o significado e sua forma. Como também, a diferenciação entre a língua regular e língua irregular.

Destacamos ainda, a definição morfológica de Dionísio de Trácia sobre a classe gramatical advérbio, as diferentes fases da Gramática, desde a Descritiva, Estruturalista, Distribucionalista e Gerativa.

A reflexão gramatical do ponto de vista teórico, nascida no 1º milênio antes de cristo, como as primeiras descrições de gramáticos hindus sobre o sânscrito.

A divisão das línguas por Saussure em línguas lexicológicas - analíticas e gramaticais – sintéticas.

Na fundamentação teórica utilizamos de três gramáticas normativas, três manuais linguísticos, três livros didáticos e dois grandes nomes como Macambira e Camara Junior, com suas concepções sobre advérbio.

Por fim, realizamos uma análise de todas as obras destacadas de acordo os três aspectos mórficos, sintático e semântico do advérbio. Chegando a conclusão que das gramáticas analisadas nem todas trazem os três aspectos, nos manuais linguísticos analisados ocorre o mesmo, e com os livros didáticos não é diferente sendo ainda mais incompletos.

Diante das concepções gramaticais históricas destacadas, e das definições da classe gramatical advérbio concebidas pelas gramáticas normativas, manuais linguísticos e livros didáticos.

Podemos perceber que a simplificação dos conceitos, nos livros didáticos, pelos autores, tem a intenção de ajudar o aluno a entender melhor as definições, no entanto, o professor se vê pouco fundamentado no momento de tirar dúvidas frequentes dos pequenos, pois só o livro didático não traz os complementos devidos e esperados que o professor possua. Sendo assim, é necessário que o professor possua uma carga bem estruturada de conhecimentos teóricos e metodológicos de sua área.

Caso contrário não haverá avanços em sala de aula, prejudicando o aprendizado e contribuindo cada vez mais para somar a educação precária do Brasil.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Emilia; ANTÔNIO, Severino; FERREIRA, Mauro; LEITE, Ricardo. *Novas Palavras*. Vol. 2: AG. Livros Ouvidor, 2017.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*: 37. Ed. rev., ampl. E atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRITO, Ana Maria (org.) *Gramática: histórias, teorias, aplicações*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*.- 44 ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. – 1. Ed., 1ª Reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.

CEREJA, William Roberto; MAGALÕES, Thereza Cochar. *Português: Linguagens 7º ano: língua portuguesa*.- 7ª Ed. Reform. –São Paulo: Saraiva 2016.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. – 5 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

GURPILHARES, Marlene Silva Sardinha. *As bases filosóficas da gramática normativa: uma abordagem histórica*. In: Janus Lorena, ano 1, n: 1, 2º semestre 2014.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. – 2ed. –São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MACAMBIRA, J. R. *A estrutura morfossintática do português*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1982.

PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

TAVARES, Rosimeire Aparecida Alves; BRUGNEROTTO, Tatiane Conselvan. *Vontade de saber Português*. 6º ano. 1. Ed. São Paulo: FTD, 2014.